

# Pela 1.ª Vez no Brasil Vai Ser Levado à Cena um Mimodrama

## Está Programada Para Amanhã, às 21 hs, no TCA, a Peça «O Escriturário», de Luís de Lima

É algo novo em teatro. Novo e inédito, com muitas realizações já levadas a efeito por grupos jovens e amantes da arte, que procuram oferecer ao público de S. Paulo espetáculos originais e de real valor, embora poucas não sejam as barreiras que tenham a transpor para atingir o objetivo.

Nunca no Brasil foi levado à cena um mimodrama, gênero teatral que Paris consagrou. Agora, entretanto, graças à arrojada iniciativa da Escola de Arte Dramática de S. Paulo, através de seus alunos, poderemos entrar em contacto com essa nova forma de representação, inteiramente destituída de palavras. A peça, «O Escriturário», que será apresentada amanhã, às 21 h, no Teatro Cultural Artística, é de Luís de Lima, conhecido teatrólogo português, até há pouco radicado em Paris, e foi inspirada num conto do escritor norte-americano Herman Melville.

### MIMICA

Profundo conhecedor da arte cênica, Luís de Lima, que encenou, interpretará e dirigirá «O Escriturário», foi contratado na Europa pelo sr. Alfredo Mesquita, especialmente para ministrar aulas na Escola de Arte Dramática de S. Paulo. Ele é ex-aluno do grande mestre Decroux, professor de Jean-Louis Barrault e Marcel Marceau, nomes consagrados no teatro moderno.

Sobre a peça, adiantou que a mesma será representada em um só ato, com a duração mais ou menos de cinquenta minutos. Explica-se esse suposto curto tempo, em vista de o espectador não estar habituado ao espetáculo mudo. Precisar-se-á ficar durante a peça inteira totalmente concentrado nos gestos dos personagens, pois o espetáculo é essencialmente visual, sem referência da palavra. A atenção global do assistente é imprescindível nessa peça, portanto, já que será criada uma atmosfera tal que a palavra é desnecessária; toda a comunicação do ator para com a plateia será por intermédio do gesto.

### TECNICA

Estando há pouco mais de seis meses em nosso país, o prof. Luís de Lima afirma que o teatro nacional está sendo servido com o fervor e a lucidez de uma geração nova, que afirma a vitalidade



MARLY MENDONÇA (a viúva), principal interprete feminina de «O Escriturário».

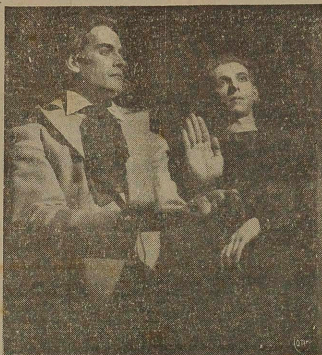
de um povo e a eternidade da arte. E assinala, também, que a mimica não pretende competir nem rivalizar com o teatro declamado. Nem com a dança. «O bailarino clássico — esclarece — exprime-se através de saltos. Na dança que é gerada pela música, o bailarino expressará figuras simétricas, repetições exatas, ritmos regulares. O ator mímico exprime-se através de passos. Prevalecendo o silêncio na mimica, só utilizará ruídos ou música de pulsação, como apoio do movimento, em oposição à música de melodia, sem a qual a dança não existe. Esta provem de um excesso de energia, e o bailarino — como as suas energias não são empregadas no seu trabalho — é um homem que passia. Já o mímico é um homem que caminha em «qualquer lugar», para uma destinação. Por isso, a mimica representa a energia que faz girar a roda hidráulica; a dança representa o espetacular ruído de excesso de água, do qual a roda hidráulica não tem necessidade para funcionar. E ninguém, depois de assistir a um espetáculo de mimica, fará a menor referência à virtuosidade de execução de tal ou qual medida, desta ou daquela fase técnica.»

### ANTIGA

O mimodrama de hoje, conforme acentuou o prof. Luís de Lima, já não é mais aquela forma de expressão dramática em uso no fim do século passado, em França, e que consistia em um drama onde uma só personagem centralizava toda a ação e as outras se limitavam a gesticular e contracenar em silêncio. No sentido atual, mimodrama é o drama que não carece de palavras para transmitir qualquer situação declamada ou qualquer sentimento. «Não sentimos necessidade de palavras em «O Escriturário» para expressar sentimentos, porque o silêncio grita.»

### O DRAMA

Revela «O Escriturário» que um notário vive em paz, cercado de seus três auxiliares, Peru, Tesoura e Pé-de-Moleque, este último muito brincalhão. Ao contrário, os dois primeiros só o são em horas diferentes. Quando



CENA DO MIMODRAMA, aparecendo à esquerda Luís de Lima, ator, encenador e diretor da peça e, à direita, Geraldo Mateos (Bartolomeu).

### Texto de Ivo ZANINI!

Tesoura se mostra irritado pela manhã tanto mais afável é ele à tarde, dando-se o oposto com o seu colega Peru, afável e cordado pela manhã e sombrio e brigão, à tarde. Premido pelo excesso de trabalho, vê-se o notário obrigado a tomar um quarto escriturário, Bartolomeu, figura esguia e soturna, que se mostra logo ótimo empregado, pois trabalha dia e noite sem cessar. Aos poucos, começa o notário a descobrir a verdadeira personalidade de Bartolomeu. Este, com o passar do tempo, recusa-se a executar qualquer serviço, sem dar a mínima satisfação. Admiram-se os seus colegas. Por seu turno, o notário vê a sua autoridade abalada pela recusa contínua e inexplicável do novo empregado. Nessa ocasião o tabelião recebe a visita de uma bela viúva, que se faz acompanhar pela família entulada. Vem dos ouvir a leitura do testamento do falecido, e, afinal, a linda viúvinha é declarada herdeira universal do desaparecido. Ofendida nos seus brios, a família retira-se. O notário, então, aproveita-se da ocasião e perturbado pela beleza da jovem cliente, faz-lhe a corte. Mas nada consegue. E o pobre homem, desconsolado, volta às agruras do cotidiano, isto é, ao problema «Bartolomeu» que vai, aos poucos, deixando de trabalhar, negando-se também a abandonar o cartório, onde parece incrustar-se definitivamente. Sua inercia e teimosia são tamanhas que o notário não encontra outra solução para o caso, a não ser mudar-se do local. Muda-se, mas Bartolomeu fica, sendo que só a polícia consegue removê-lo do cartório, para a prisão. Procuram, depois, o expatriado e os ex-colegas visitá-lo no carcere, mas não são recebi-

dos. Num arroubo de solidariedade humana, o notário insiste em ver o antigo empregado, encontrando-o, afinal, de pé e imóvel no meio do patio. Dirige-se a ele sem obter uma resposta sequer à sua saudação; toca-o, então, de leve. E, como uma árvore que morre de pé, Bartolomeu cai morto. O notário desobre-se respeitoso...

### PARTICIPANTES

«O Escriturário» será vivido por onze alunos da Escola de Arte Dramática de S. Paulo, Geraldo Mateos (Bartolomeu), Jorge Andrade (Peru), Emilio Fontana (Tesoura), Jorge Fischer Jr. (Pé-de-Moleque), Marly Mendonça (viúva), Flora Basaglia, Maria Magdalena e Paulo Alberto Aloise (parentes da viúva) e Paulo Aires Muller, Eduardo Waddington e Paulo Celso Rangel (guardas), que há cerca de seis meses estão ensaiando a peça, visando apresentar no dia de amanhã, uma soberba noite artística. Música, dodecafônica, do jovem paulista Souza Castro, especialmente composta para o espetáculo. A Badia Vilató, pintor surrealista espanhol, coube a cenografia. Figurinos de Hercules Barsotti, Badia Vilató e Luís de Lima.

Temporânea